

## Os símbolos Adinkra como artefato visual e cultural

Adinkra symbols as visual and cultural artifact

*Janete Santos da Silva Monteiro de Camargo*<sup>1</sup>

*Teresa Kazuko Teruya*<sup>2</sup>

*Izaque Pereira de Souza*<sup>3</sup>

**Resumo:** Na história da Arte, aparecem grafismos e símbolos atrelados a diversas culturas. Eles contribuem para a produção de significados e constituem identidades culturais. Assim, este estudo discute a origem e a produção de significados de alguns símbolos Adinkra, conhecidos como ideogramas estampados em tecidos ou em objetos que aparecem no artefato visual capulana<sup>4</sup>. Por isso, sugere que os símbolos Adinkra têm potencial pedagógico como material didático, contribuindo para efetivar a Lei nº 10.639/2003. Por este motivo, utiliza a pesquisa bibliográfica e documental, a fim de propor um conteúdo significativo para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Por fim, é considerada a complexa cultura afro-brasileira e africana e os ideogramas Adinkra são entendidos como signos linguísticos que, embora tenham um significado filosófico, podem ser interpretados de acordo com o repertório cultural das pessoas.

**Palavras-chave:** Educação Básica; cultura afro-brasileira; *Adinkra*.

**Abstract:** In the history of art, there are graphics and symbols linked to different cultures that contribute to the production of meanings and constitute cultural identities. This study discusses the origin and production of meanings of some Adinkra symbols, known as ideograms printed on fabrics or objects that appear in the visual artifact capulana. It therefore suggests that Adinkra symbols have pedagogical potential as teaching material, contributing to the implementation of Law 10.639/2003. For this reason, uses bibliographical and documentary research in order to propose meaningful content for the teaching and learning process in Basic Education. Finally, it considers Afro-Brazilian and African culture to be complex and understands Adinkra ideograms as linguistic signs which, although they have a philosophical meaning, can be interpreted according to people's cultural repertoire.

**Keywords:** Basic education; afro-brazilian culture; Adinkra.

<sup>1</sup> SEED/PR. E-mail [janetessmc@gmail.com](mailto:janetessmc@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá-UEM-PR. Email. [tcteruya@uem.br](mailto:tcteruya@uem.br).

<sup>3</sup> Centro Universitário FAG-Cascavel-PR. Email: [ipsouza.souza@gmail.com](mailto:ipsouza.souza@gmail.com)

<sup>4</sup> Capulana é um artefato visual que representa a cultura africana. Ele é usado como vestimenta por mulheres e homens no continente africano (Dias, 2006).

## INTRODUÇÃO

A arte e a cultura se entrelaçam constantemente desde o prelúdio da humanidade. Neste artigo, utilizamos um artefato cultural africano como um potencial pedagógico no processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar. Logo, investigamos a origem e a produção de significados dos símbolos *Adinkra*, os quais foram extraídos da estampa visual capulana e distribuídos como cortesia no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (Copene). O nosso intuito é incentivar a utilização desses ideogramas como material didático na Educação Básica, como uma forma de efetivar a Lei nº 10.639/2003, valorizando e respeitando a cultura africana enquanto elemento significativo na formação cultural da nação brasileira.

Recorremos a uma pesquisa bibliográfica e documental ancorada nos Estudos Culturais, com o objetivo de analisar os símbolos *Adinkra* encontrados na capulana que foi distribuída no XI Copene. Desse modo, indagamos: de que forma os símbolos *Adinkra* podem contribuir para um ensino menos eurocêntrico?

A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2002), é fundamental para levantar e conhecer dados históricos. O estudioso também adverte para a localização de fontes primárias e a necessidade de uma seleção criteriosa do material. Na pesquisa documental, elegemos a capulana como um objeto de análise.

Esta investigação foi instigada pelas imagens presentes na capulana, o que encontra respaldo teórico em fontes bibliográficas. Assim, partimos do pessoal, do particular, para chegarmos ao abrangente mundo social, cultural e histórico.

### Contexto histórico e produção de significados de alguns ideogramas *Adinkra*

À primeira vista, os tecidos africanos são patrimônios que perpetuam símbolos, tradições, saberes e identidades. Eles carregam histórias nos atributos de ancestrais que são estampados em tecidos, ou seja, a tradição é lembrada e vivida no cotidiano. Esses símbolos rompem as fronteiras do país de origem e ampliam os sentidos de comunidade e de identidade africana na diáspora do mundo (Vidal; Arruda, 2020).

Entendemos que os tecidos africanos são objetos culturais e artísticos. Por isso, são potentes artefatos pedagógicos na luta antirracista. Além disso, as ideias colonialistas, impregnadas em nossa sociedade, precisam ser problematizadas, debatidas e sistematizadas em todos os âmbitos da sociedade, especialmente no espaço escolar. Neste artigo, elegemos o tecido como objeto de estudo para investigar os símbolos estampados na capulana adquirida como cortesia no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (Copene).

A pesquisadora Carmo (2016) desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre a simbologia *Adinkra* e alerta que esse tema é complexo e traz riscos de falseamento de realidades, se a pesquisa não for assertiva. Por isso, exporemos uma breve história da cultura e da filosofia que permeiam o surgimento do povo Asante, em que foram originados os ideogramas *Adinkra*.

No século XVII, o povo Akan era o maior grupo étnico na área denominada Costa do Ouro e, em se tratando do Grupo Akan<sup>5</sup> (Acã), os Asantes dominavam culturalmente essa região. Além do comércio de ouro, o povo Asante comercializava tecidos. No século XVII, surgiu um grande líder do povo Asane, “Osei Tutu”, sobrinho do rei Obiri Yeboa, que reinou de 1660 a

---

<sup>5</sup> Akan é um grupo étnico localizado na África Ocidental, região que compreende, atualmente, os países de Gana, Burkina Faso e Togo (Carmo, 2016).

1697. Foi dada a Osei Tutu a missão de unir vários grupos Akan. Essa união foi intitulada Confederação Asante ou Nação Asante (Martins, 2014; Carmo, 2016).

Com a morte do tio Obiri Yeboa, Osei Tutu retornou à terra natal para se tornar rei. Assim, levou consigo Okomfo Anokye, por acreditar em seus poderes mágicos. Osei Tutu reinou de 1667 a 1731. Ele convocou uma assembleia para transmitir a mensagem que Nyame (N-ya-Maio), o Deus Supremo de Akans, tinha revelado a Okomfo. Nessa reunião, foi dito que Okomfo Anokye derrubou do céu um pequeno banco de madeira parcialmente coberto de ouro, para que Osei Tutu se ajoelhasse.

Esse evento foi entendido como um sinal da eleição divina de Tutu e serviu para unificar os povos e consolidar a Confederação Asante. O pequeno banco de ouro continha a alma coletiva e o espírito de todo o povo Asante e simbolizava a prosperidade e a unidade dessa população. No ano de 1824, a Nação Asante se tornou um dos mais poderosos estados da África Ocidental. A confederação controlava uma área de mais de mil milhas quadradas e a força administrativa do povo Asante lhe permitiu manter a supremacia política nessa área por um longo tempo. Um dos legados desse povo é o *Adinkra* (Carmo, 2016).

Dessa forma, para os Akan, a palavra *Adinkra* significa, literalmente, despedida e gesto de adeus. *Adinkra* representa uma filosofia africana (Nascimento; Gá, 2009; Waldman, 2017; Lopes; Simas, 2020) e é um conjunto de símbolos muito famoso e respeitado na África Ocidental usado para transmitir as mensagens e os valores das comunidades. Essa joia da cultura ancestral africana, desde a origem, é transmitida pela tradição oral e foi disseminada pelo rei Osei Bonsu, dos Ashanti, a partir da guerra que ocorreu no início do século XIX contra Nana Kofi *Adinkra*, que reinava em partes o território que, atualmente, é Gana e Costa do Marfim.

O rei Osei Bonsu saiu vitorioso. Além de decapitar o soberano inimigo, saqueou as técnicas do grafismo e das estamparias ornamentadas pelos símbolos que se tornaram conhecidos como *Adinkra*. Esse sistema simbólico foi difundido na República do Gana, país onde o *Adinkra* é facilmente visto em estampas de roupas do cotidiano, nas cerâmicas, nos adereços arquitetônicos, em festivais e outros eventos, sendo também usado em pingentes e enfeites (Nascimento; Gá, 2009; Waldman, 2017).

Os ideogramas *Adinkra*, até hoje, representam a cultura africana estampada em tecidos, madeiras e em objetos dos quais podemos extrair significados culturais, sociais, políticos e religiosos. Menezes e Castro (2007) asseguram que *Adinkra* são símbolos que expressam sabedoria por meio de ditos populares, provérbios, baladas populares e representação de eventos históricos há cerca de setecentos anos. Eles são impressos em tecidos, nos objetos de prestígio e em joalheria (Carmo, 2016).

Da mesma forma, os primeiros símbolos *Adinkra* podem ser representados em tecidos e, atualmente, são pintados e bordados não somente em ocasiões fúnebres, mas em ocasiões especiais. As pessoas encomendam os tecidos com desenhos dos ideogramas *Adinkra* para artistas locais. Eles são impressos em camisetas, bonés, broches, artigos de relojoaria, convites e bolsas. No Brasil, a grife Pettrobásico tem uma linha de produção acerca dos ideogramas *Adinkra* (Martins, 2014).

As pessoas das etnias Acã usam o tecido estampado com os *Adinkra* em ocasiões fúnebres ou em festivais de homenagem. Existem mais de oitenta símbolos, cujo destaque se encontra nos conteúdos estampados nos diagramas. Além de os desenhos do *Adinkra* serem esteticamente tradicionais, eles incorporam, preservam e transmitem aspectos da história e da filosofia, além de valores e normas socioculturais dos povos de Gana (Nascimento; Gá, 2009).

*Adinkra* é um conjunto de ideogramas estampados principalmente em tecidos e adereços e esculpido em madeira ou em peças de ferro, como se fossem carimbos. Cada um dos símbolos possui um nome e um significado que pode estar associado a um fato histórico, uma característica de um animal, a um vegetal ou a um comportamento humano (Carmo, 2016, p. 51).

Além disso, a indústria do turismo divulgou o sistema visual *Adinkra* em forma de *souvenirs* e camisetas, ajudando a propagar os produtos na Europa. Na língua *Twi*, *Adinkra* tem um sentido mais profundo, ao simbolizar soltura ou emanção do *Kra*, termo que, no sentido ocidental, é alma. Cada símbolo remete a provérbios, ensinamentos e prédicas da sociedade tradicional, sempre com articulação visual mediante ideogramas que expressam ideias e noções. Nessa perspectiva, os símbolos podem ser usados de forma decorativa, mas sempre com a função de transmitir recados da sabedoria tradicional e aspectos da vida ou do ambiente social (Waldman, 2017).

Os símbolos *Adinkra* sempre foram usados para a demarcação de território e como um instrumento de comunicação. Eles estão presentes no universo bélico, no alquímico, no divino, no extraordinário, no comum, no singular e no múltiplo, geral ou específico, representando a produção de significados pessoais, coletivos, ambientais, sensitivos e sensíveis. Assim, provocam mudanças no olhar de quem passa, convive e não o percebem. Tornam-se, inclusive, mais significativos para quem os percebe e procura recolher vestígios de uma paisagem sobreposta e imposta pela dominação capitalista (Maciel, 2015).

Contudo, o discurso de Maciel (2015) é filosófico, artístico e político. É artístico quando escreve que os símbolos *Adinkra* estão presentes nos diferentes espaços e cabe ao público espectador a produção dos significados deles. A estudiosa também afirma que, muitas vezes, eles simbolizam uma paisagem imposta pela sociedade consumista, ou seja, visualizamos os símbolos, a cultura que nos é imposta e visibilizada pelas mídias sociais. Os símbolos *Adinkra* produzem significados e fazem parte da diáspora africana. Logo, há a necessidade urgente de estudar esses símbolos, principalmente na Educação Básica. “Os *Adinkra* carregam em si a perspectiva de descolonização da linguagem e dos saberes, pois quando nossos ancestrais foram desarraigados, arrancados de nosso continente de origem, tiveram que aprender uma outra língua, a do opressor” (Machado, 2019, p. 149).

Eventualmente, as pesquisas de Maciel (2015) dialogam com as de Machado (2019), porque, nelas, encontramos reflexões sobre o dominador, quando é expresso que o opressor estigmatizou, rotulou e impôs as próprias língua e cultura no período colonial. Embora a Lei nº 10.639/2003 tenha sido promulgada há mais de vinte anos, o processo de descolonização ainda continua presente na sociedade contemporânea. Contudo, a cultura afro-brasileira e africana vem ganhando cada vez mais espaço na educação formal.

Dessa forma, os ideogramas *Adinkra* podem ser entendidos como signos visuais que produzem significados dentro da linguagem. Hall (2016, p. 37) explica que “qualquer som, palavra, imagem ou objeto que funcionem como signos, que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema, são sob esta ótica, uma linguagem”.

Do mesmo modo, os signos *Adinkra* costumam influenciar ou penetrar em outras comunidades a partir do viés ideológico e dos padrões de consumo, arte ou design. Isso, pois é possível localizar na internet, mediante o uso da ferramenta de busca Google ou outras, uma transição dos signos *Adinkra* para desenhos contemporâneos, inclusive, em tatuagens, com a *Body art* (Santos, 2016). Logo, percebemos que, por meio da linguagem, os ideogramas *Adinkra* produzem significados. Além do mais, à medida que saem de um contexto de diáspora e partem para a *Body art* ou são estampados em camisetas, por exemplo, o significado pode ser modificado e/ou ampliado ou reduzido.

Indubitavelmente, o sentido dos símbolos *Adinkra* pode ser extraído dos provérbios africanos, com a função de ofertar, em palavras ou símbolos, conteúdos profundos de sabedoria diversa. Muitas vezes, eles são poéticos; outras vezes, são complexos. Eles servem à orientação e à formação de forma lúdica ou aos atos de confortar, alertar, entre outros modos de comunicação. Na cultura africana, muitos provérbios foram transmitidos de forma oral, com a incumbência de recuperar os conhecimentos das civilizações que se perderam (Dravet; Oliveira, 2017).

Desse modo, destacamos a importância de os ideogramas *Adinkra* serem trabalhados na Educação Básica, uma vez que os provérbios contidos neles transmitem mensagens, ensinamentos e reportam ao significado. É válido frisar que todas as disciplinas da Educação Básica têm condições de abordar a temática. Castro e Menezes (2009, p. 33) ressaltam que “a cultura akan é portadora de signos e símbolos que podem valorizar e transmitir toda sua história”. Assim, recuperaremos a etimologia da palavra “cultura”:

A palavra cultura tem como um de seus significados originais “lavoura”, o cultivo agrícola. A palavra inglesa *coulter*, que é um cognato de cultura, significa “relha de arado”, derivada da palavra cultura, que por sua vez deriva de *colere*, que pode significar muitas coisas, desde cultivar e habitar até adorar e proteger. A cultura pode ser interpretada como busca de significados para explicar os sujeitos de um local. Não só comportamentos, costumes, tradições, hábitos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras, instruções e programas para governar o comportamento humano (Castro; Menezes, 2009, p. 34).

Emergiram várias definições para o termo “cultura” nos últimos anos. Em um contexto mais próximo das ciências sociais, a palavra “cultura” passou a ser usada para se referir a tudo que seja característico sobre o modo de vida de um povo. Assim, trabalhar com a cultura afro-brasileira e africana é mergulhar no universo cultural do povo em estudo. É estar aberto à aquisição de novos conhecimentos (Hall, 2016).

Outrossim, na cultura, está agregada a produção, isto é, o trabalho produtivo elaborado mediante um conhecimento e uma tradição que estão em mutação. Logo, a volta ao passado nos permite criar algo com novos tipos de sujeitos. Dessa maneira, as nossas identidades culturais estão sempre em processo de formação cultural. Cultura não é ser, mas tornar-se algo após um processo de conhecimento (Hall, 2003, 2006).

Da mesma forma, “todas as culturas têm símbolos que rerepresentam sua origem e destino, seus valores e crenças” (Castro; Menezes, 2009, p. 45). “A cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação, ou de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de significação da vida social” (Canclini, 2009, p. 41).

Portanto, a cultura na educação e nas ciências sociais se conecta com as vivências dos sujeitos, as diversas formas de conceber o mundo, as singularidades e as semelhanças constituídas pelos seres históricos. A cultura negra se relaciona a uma consciência cultural, à musicalidade, à estética, à corporeidade, à religiosidade e à vivência da negritude marcada pela africanidade. Assim, apenas pode ser entendida a partir da relação com outras culturas (Gomes, 2003).

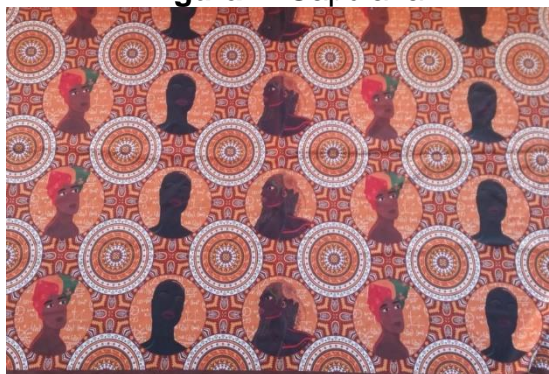
Sendo assim, Glissant (2021) argumenta que compreender a cultura é tão satisfatório quanto descobrir novas terras. De certa forma, a arte negro-africana conserva temas, formas, símbolos, técnicas e conteúdos africanos, com o objetivo de ser revolucionária e conscientizadora de que negros e negras produzem conhecimento (Nascimento, 1976).

Inferimos que a arte negro-africana *Adinkra* representa uma arte revolucionária e conscientizadora. Tendo em vista que aborda, mediante ideogramas, a filosofia e a cultura africana, também representa a identidade cultural dos povos Asante. Por isso, Hall (1989, 2003, 2006) explica que a identidade cultural está sempre em processo, ou seja, nunca está acabada, e constitui uma forma emergente e poderosa de representação dos povos marginalizados.

Hall (2016) entende a imagem como um signo que é organizado no sistema da linguagem. Logo, analisamos as imagens da capulana que são signos e possuem significados contemplados de acordo com cultura africana e, ao serem signos, também representam uma forma de linguagem. Diante disso, o artefato visual e cultural capulana (figuras 1 a 9), distribuído durante o XI Copene, instigou a nossa curiosidade para explorar os respectivos significados culturais.



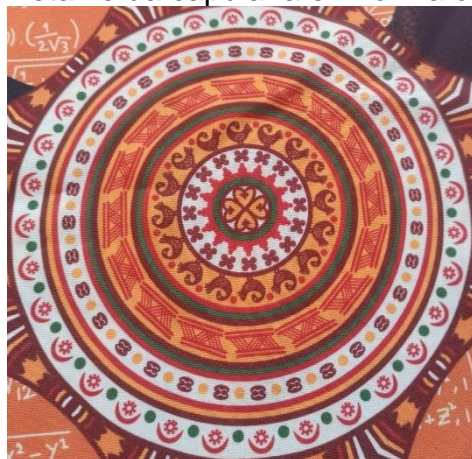
**Figura 1.** Capulana



Fonte: os autores (2021).

Ao analisarmos os significados dos ideogramas *Adinkra* que se encontram na capulana anterior, concentramo-nos somente no significado dos símbolos *Adinkra* contidos no detalhe do artefato em forma de mandala, o qual é apresentado na Figura 2, exibida a seguir.

**Figura 2.** Detalhe da capulana em forma de mandala



Fonte: os autores (2022).

Nesse artefato visual e cultural capulana, aparecem círculos em formato de mandala e, em cada uma dessas camadas em círculos, visualizamos grafismos africanos e ideogramas *Adinkra*. No centro da mandala, aparecem imagens na forma de um coração. Esse ideograma é chamado de Nyame Dua, que significa árvore de Deus. Trata-se de um altar que simboliza a presença e proteção de Deus. “O Nyame Dua é um lugar sagrado onde os rituais são realizados” (Carmo, 2016, p. 70).

**Figura 3.** Nyame Dua/Nyamedua



Fonte: os autores (2022).

Já Pereira (2021a) nomeia o símbolo presente na Figura 3 como *Nyamedua*. Não só, mas também dialoga com Carmo (2016), ao argumentar que o ideograma representa o reconhecimento da presença de Deus, e acrescenta que o ideograma é um símbolo usado para adoração e veneração.

No entanto, a pesquisadora Ribeiro (2019), que desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre os ideogramas *Adinkra* e fotografou a presença deles nas ruas da cidade de Rio Grande, localizada no estado do Rio Grande do Sul, destaca que o *Nyamedua* é encontrado nas igrejas em entalhes de madeira, nos vitrais ou modelado diretamente nas paredes em baixo ou em alto relevo. Inspirado nos vegetais, constitui um corte transversal de uma árvore sagrada, onde, ao centro, são depositados todos os pedidos, aflições e oferendas. A árvore funciona como uma receptora de energias, que são levadas ao cosmo por meio de preces, incensos, músicas, rituais de danças e outras manifestações de amor e respeito. O significado de *Nyamedua* é “árvore de Deus”.

Todavia, quando Ribeiro (2019) encontrou um ideograma *Adinkra* nas grades de uma residência e entrevistou os moradores, perguntando-lhes se sabiam da presença da África no Rio Grande e o significado do símbolo *Adinkra* presente na própria casa, as respostas evidenciaram uma lacuna povoada por incógnitas fantasmagóricas que, talvez, jamais sejam respondidas. É possível que elas sejam sepultadas para sempre em histórias mal-ditas ou malditas.

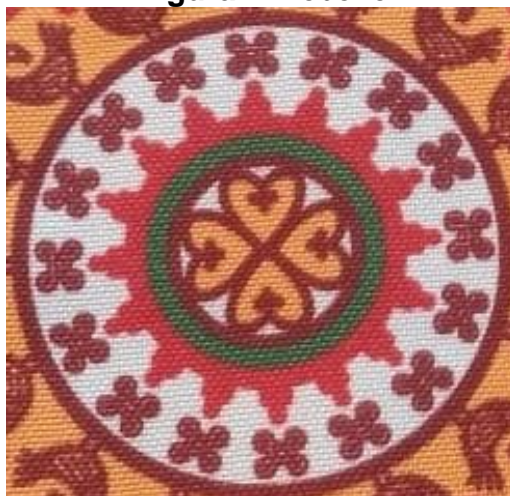
Na pesquisa de Ribeiro (2019), há evidências de que a cultura trazida da África está presente no Brasil, mas foi invisibilizada e ignorada ou mal contada. Historicamente, a cultura das populações negras foi difundida pelos colonizadores como uma cultura satânica que causa medo, especialmente em relação às religiões de matriz africana. O medo foi disseminado pela falta de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e africana. Nesse sentido, o papel da escola é fundamental para desconstruir essa visão estereotipada dos colonizadores sobre os povos negros.

Na formação docente, é necessário contemplar as pesquisas mais consistentes acerca da temática, provocando discussões relevantes no âmbito escolar e realizando um trabalho de divulgação e valorização da cultura afro-brasileira e africana, pois, assim, podemos contribuir para a construção de uma sociedade menos excludente. Logo, inferimos que esse símbolo remete ao mundo espiritual, à crença de cada pessoa. Isso é cultura. Cada povo tem crenças e costumes herdados dos ancestrais. Por isso, devemos entendê-los e respeitá-los.

O ideograma a seguir, que aparece na imagem da mandala presente na Figura 4, trata-se de um símbolo parecido com um X. Ele tem o nome *Tobono*, tradução de Remo, um símbolo de força, persistência e confiança (Carmo, 2016; Nascimento; Gá, 2009). Esse símbolo se refere

ao remo ou remos de canoa. “Um bom remo promove estabilidade no barco em águas inseguras. Remos estáveis tendem a inspirar confiança. Remos podem ser encontrados mais comumente nos povos das áreas costeiras” (Carmo, 2016, p. 76).

**Figura 4.** Tobono



Fonte: os autores (2022).

Logo, depreendemos que o remo estável estabelece uma analogia com uma pessoa estável que inspira confiança, característica vital para a liderança, como os educadores na sala de aula: se instáveis, geram insegurança; se estáveis, atendem com coerência a teoria e a prática, geram confiança e, conseqüentemente, promovem um melhor ensino e aprendizagem.

Entre os símbolos *Adinkra*, o mais conhecido é o *Sankofa* (Figura 5), que representa uma espécie de pato. *Sankofa* remete a um antigo provérbio da África Ocidental: “*woro were fi na wo sankofa a yenkyi*”. Esse provérbio significa voltar e apanhar o que ficou para trás. Significa que nunca é tarde para apanhar o que ficou para trás, nunca é tarde para aprender com o passado, a fim de construir o futuro. (Nascimento; Gá, 2009; Waldman, 2017).

A imagem de ave exposta na Figura 5 representa um círculo que não é fechado, devido a uma lacuna que separa o rabo da cabeça do pássaro. O perímetro da ave apresenta a forma de um ovo e isso não ocorre por acaso. Outra evidência que não é explícita é que as patas do “patinho” não correspondem às de um palmípede, pois os patos não têm garras. Dessa maneira, a imagem remete a várias interpretações: 1) o pequeno pato olha para o próprio rabo. Logo, devemos avaliar o que cada um de nós errou. Não basta culpabilizar os terceiros pelos erros; é importante que corrijamos os nossos próprios erros; 2) a garra da ave representa qualquer tentativa de ajuizar o passado e o futuro. Caso não sejam mantidos os pés no chão, isso poderá ser um fracasso; 3) o círculo tem um lapso, ao representar que ninguém sai de um círculo vicioso sem interromper, desatar, sustar, cortar ou romper com o passado. O passado que não condiz é para ser revisto e repensado sob uma ótica crítica, transformadora das pessoas e da comunidade onde se vive; e 4) o corpo da ave configura uma forma ovalada. Nada surge sem um rompimento, sem a decisão de iniciar algo inédito, sem sair do ovo (Waldman, 2017).

O ideograma *Sankofa* se relaciona à missão e ao momento de recuperar a dignidade humana dos povos africanos e dos respectivos descendentes, que estão espalhados por todo o mundo e se reconhecem como herdeiros de uma civilização que criou a escrita, a astronomia, a matemática, a engenharia, a medicina, o teatro e a filosofia. O conhecimento e o desenvolvimento passam pela história da África, tanto em relação ao sistema de escrita quanto no que diz respeito aos avanços tecnológicos, aos estados políticos organizados e às tradições epistemológicas (Nascimento; Gá, 2009). Para Viana (2018), *Sankofa* é o símbolo da aprendizagem com o passado. Dessa forma, neste estudo, trouxemos os signos *Adinkra* que



funcionam como uma espécie de escrita africana que transmite conhecimentos passados de geração em geração e constituem parte da filosofia africana.

Com isso, concluímos que a realização de uma pesquisa acerca dos símbolos *Adinkra* é revisitar a ancestralidade, é dar visibilidade a uma cultura rica em imagens, significados e usos como artefato visual e cultural. É uma tentativa de romper com o colonialismo no Brasil: busca-se divulgar a cultura africana como uma forma de divulgar uma cultura que surge na África, mas que, hoje, está em todo o mundo.

À vista disso, torna-se evidente a relevância do ideograma *Sankofa*. Precisamos observar as nossas atitudes e, se possível, consertar o nosso caminho e traçar uma nova trajetória de vida. Não devemos culpar os outros pelas coisas erradas que acontecem em nossa vida, porque cada um é sujeito da própria história, isto é, escreve a própria vida. Somos constituídos por um passado que nos pertence, está sempre conosco. Devemos manter as coisas boas do passado em nossa existência. Por outro lado, devemos abandonar as coisas ruins, ou seja, precisamos romper com o passado, mudar a escrita da nossa história. Se olharmos esses significados por meio do filtro da história da civilização, constataremos que a África é o berço da humanidade e, por isso, todas as culturas advindas desse continente devem ser conhecidas, valorizadas e respeitadas, pois, mediante a cultura da África, formamos o nosso Brasil brasileiro.

**Figura 5.** *Sankofa*



Fonte: os autores (2022).

Santos (2016) afirma que o símbolo *Sankofa* é utilizado em projetos, instituições e outras formas de identidade da população negra e afrodescendente, sobretudo, em decorrência de o significado dele estar atrelado à ancestralidade. Dravet e Oliveira (2017, p. 13-14) refletem com profundidade a necessidade de abordar a cultura africana:

Olhar para a África negra pela noção de circularidade aberta e atentar para *Sankofa* é não somente um percurso em busca desses elementos fundamentais da linguagem (provérbios, escrita ideográfica, oralidade), mas um ato de relacionar o conhecimento da Comunicação com os saberes tradicionais africanos e ainda de estabelecer na contemporaneidade um paralelo entre noções científicas em construção e uma sabedoria ancestral enraizada que se mantém viva na humanidade. Tal sabedoria africana é um legado histórico do qual gostaríamos de nos aproximar com um olhar atento, livre de amarras e preconceitos, estabelecendo relações entre ele e o conhecimento científico vigente na atualidade. Trata-se de efetuar uma “mudança de horizonte” e de ressuscitar imagens esquecidas.

Ainda em se tratando da análise do ideograma *Sankofa* (Figura 5), notamos um símbolo parecido com uma escada: são apresentadas duas linhas retas na horizontal e, no interior, são expostas quatro linhas retas entrelaçadas, formando uma espécie de letra W ou M, dependendo de como o espectador visualiza. Esse símbolo é denominado “*Owo Foro Adobe*”, cuja tradução é “cobra escalar a árvore de ráfia”. Trata-se de um símbolo da criatividade, da excelência, do desempenho e da façanha. Ele representa a capacidade e o talento para realizar o incomum e o impossível. “Por causa de seus espinhos, a árvore de ráfia é um desafio muito perigoso para

a cobra, sua capacidade de subir é um modelo de prudência e persistência” (Carmo, 2016, p. 74).

Dravet e Oliveira (2017) também afirmam que o termo “*Sankofa*” é traduzido para o português como “volte e pegue” (“san”: “voltar”; “ko”: “ir”; e “fa”: “olhar”, “buscar” e “pegar”). Logo, pode ser entendido como nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás. Trata-se de um provérbio e, ao ser acompanhado por um símbolo em formato circular, é uma forma de oralidade escrita ou escrita oralizada.

Logo abaixo do símbolo *Sankofa*, apreciamos o ideograma *Ôwô Foro Adobe* (Figura 6), que simboliza a cobra que sobe na ráfia. O significado dele está atrelado à importância de se esforçar para cumprir as metas estabelecidas e superar desafios. Além disso, representa a prudência e a aplicação prática da sabedoria (Pereira, 2021a). Já para Nascimento e Gá (2009, p. 48), o *Ôwô Foro Adobe* é um “símbolo da engenhosidade e da execução de uma façanha extraordinária, baseado na capacidade da cobra que, sem mãos nem pés, sobe a palmeira da ráfia”.

**Figura 6.** Nkonsonkonson

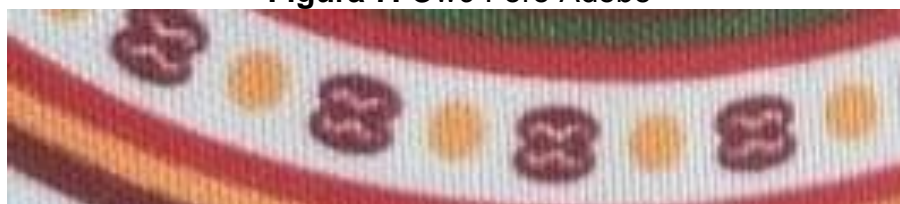


Fonte: os autores (2022).

O ideograma *Nkonsonkonson* (Figura 6) representa uma cadeia ou um elo de uma corrente. Trata-se de um símbolo de unidade, responsabilidade, interdependência, fraternidade e cooperação: estamos ligados tanto na vida quanto na morte. Aqueles que compartilham relações de sangue comuns não quebram (Nascimento; Gá, 2009; Carmo, 2016). O significado do ideograma *Nkonsonkonson* se vincula ao conceito de ligação com a cooperação. Relaciona-se com os seres humanos e os elos de uma corrente, já que a interdependência de cada pessoa (elo) determina o sucesso da comunidade (cadeia). Ele é o símbolo das relações humanas (Carmo, 2016).

Em suma, esse símbolo é de extrema importância, pois, desde que nascemos, não conseguimos sobreviver sozinhos: precisamos dos familiares para nos mantermos vivos e, nas comunidades em geral, especialmente, na comunidade escolar, as relações humanas fazem parte do contexto de ensino e aprendizagem. Essas relações devem ser regadas e cultivadas a cada dia, estabelecendo um vínculo de afeto e científico entre educadores e educandos.

**Figura 7.** Ôwô Foro Adobe



Fonte: os autores (2022).

O último ideograma que compõe a mandala da capulana é representado por uma imagem que parece uma lua e, na parte superior, é exibido um círculo cheio de pontas, o qual se assemelha a um sol. Ele é representado na cor vermelha e separado por círculos verdes. Esse símbolo é denominado *Osram Ne Nsoromma*, que significa “lua” e “estrela”, símbolo de

amor, fidelidade, harmonia, sinceridade, benevolência e essência feminina da vida, carinho e lealdade. Esse ideograma reflete a harmonia que existe na ligação entre um homem e uma mulher (Carmo, 2016; Nascimento; Gá, 2009).

Entendemos que esse símbolo também representa a feminilidade e enfatiza a harmonia que deve existir entre o homem e a mulher, rompendo, assim, o mito pregado pela sociedade na qual a mulher é tida como inferior ao homem. A palavra “harmonia”, para nós, é sinônimo de “igualdade”.

**Figura 8.** Osram Ne Nsoromma



Fonte: os autores (2022).

Fora da imagem, construída em forma de mandala, localizamos, na capulana em estudo, um ideograma parecido com uma samambaia. *Aya*, a samambaia (Figura 8), é um símbolo de resistência, independência, desafio contra dificuldades, resistência, perseverança e desenvoltura. A samambaia é uma planta resistente que pode crescer em lugares difíceis (Carmo, 2016; Viana, 2018). “Um indivíduo que usa este símbolo, sugere que resista muitas adversidades e supere muita dificuldade” (Carmo, 2016, p. 59).

A tradução para *Aya* é “não tenho medo de você” ou “sou independente de você”. O símbolo está associado à samambaia, uma planta extremamente antiga, tendo em vista que surgiu antes dos dinossauros, provavelmente, um dos primeiros seres vivos a habitar o planeta. Essa planta resiste a solos secos e à falta de água e se adapta a condições adversas. Por isso, representa alguém que enfrentou desafios e os superou com muita ousadia e coragem (Pereira, 2021b).

**Figura 9.** *Aya*, “a samambaia”



Fonte: os autores (2022).

No período da pandemia de coronavírus ou Covid-19, esse símbolo foi relevante para a sociedade, que enfrentou desafios de ordem tecnológica, familiar, social e educacional. Foram dias de luta pela sobrevivência e reinvenção da vida, especialmente para as populações negras, que sofrem ataques das mídias sociais todos os dias e tiveram esses ataques incentivados durante a pandemia. É preciso ter muita resistência para romper com o ensino eurocêntrico e possibilitar o conhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e africana. Nesse sentido, é escrita esta pesquisa.

A *Aya*, que indica resistência (Figura 9), pode ser associada à contemporaneidade, mais precisamente, à perda histórica dos direitos dos trabalhadores, que não permanecem de braços cruzados e se organizam cada vez mais com paralisações e greves por tempo indeterminado, com a finalidade de não perder os direitos conquistados com muita luta e resistência ao longo da história. Uma das grandes conquistas que resultou dessas resistências foi a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que orienta os docentes da Educação Básica a abordar, durante as aulas, a cultura negra e africana.

Nascimento (2008) argumenta que, além de serem impressos e estampados em tecidos, os símbolos *Adinkra*, na tradição akan, também são esculpido em objetos, como o *gwa* (banco do rei e símbolo da soberania), o bastão do linguista (símbolo das relações do Estado com os povos) e os *djayobwe* (contrapesos de ouro). Os chamados pesos de ouro do akan são esculpido em bronze e ferro, para que possam ser usados como contrapeso e pesar mercadorias, tais como sal e ouro. Também trazem mensagens e carregam uma simbologia relacionada aos provérbios representados por animais. O banco do rei e o bastão linguista retratam a complexidade e a sofisticação do Estado político africano, entidade desprezada pela versão eurocêntrica da história. Já o *gwa*, de madeira esculpida, além de representar o poder político sacralizado, exprime os conteúdos filosóficos em três dimensões.

Com base nas pesquisas de Nascimento (2008), percebemos que a história é contada pelo e para a sociedade branca, ignorando as contribuições africanas na história das civilizações. Por isso, trabalhar a cultura africana na sala de aula por meio dos ideogramas *Adinkra* é ressignificar o currículo e recontar a história sob o ponto de vista africano. Em suma, os símbolos *Adinkra*, na sala de aula, constituem um importante material pedagógico para desenvolver debates e reflexões que estabelecem uma relação cultural entre o Brasil e a África.

## **Carimbos *Adinkra* como um artefato didático**

Recorremos ao pesquisador Munanga (2008) para destacar a importância de se trabalhar a temática afro-brasileira desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Na formação docente, é imprescindível incluir as pesquisas recentes sobre as populações negras, uma vez que a África, assim como explica Hall (2003), é um significante e uma metáfora para a sociedade que foi suprimido, desonrado e negado ao longo da história. Portanto, devemos tornar o invisível, visível.

A geração de jovens afrodescendentes politicamente mobilizados precisa pressionar os governantes, para que a África continental e a África diaspórica sejam ensinadas na escola em pé de igualdade com as demais culturas que contribuíram com a formação do povo brasileiro. Vozes internas e externas da comunidade afrodescendente insistem na necessidade de ser realizada a formação cultural de uma abordagem epistemológica da África, rompendo com as ideias preconceituosas da herança intelectual colonialista. Alguns movimentos, como Frente Negra, Teatro Experimental do Negro, Pan-Africanismo e Negritude, inspiraram os movimentos sociais contemporâneos com plena consciência de que o racismo exige uma abordagem integral de sua problemática, especialmente na construção de sua identidade e de sua história, até então contada apenas do ponto de vista da colonialidade do poder.

O projeto de construção de uma verdadeira cidadania e democracia não pode ignorar a



diversidade e as identidades plurais que compõem a sociedade brasileira. A democracia provoca um diálogo entre os segmentos étnicos que compõem a sociedade, para que as especificidades individuais e culturais de grupos diferentes possam coexistir. Em outras palavras, a democracia exige o respeito à diversidade étnica e à cultura, além do reconhecimento do direito de toda cultura: o de cultivar suas especificidades. Logo, ela enriquece o próprio *ethos* cultural brasileiro (Munanga, 2008).

Como forma de sistematizar o uso pedagógico de carimbos com símbolos Adinkra, é válido citar uma pesquisa de Pereira *et al.* (2021) que exhibe uma sequência didática com o uso de carimbos, a fim de trabalhar os símbolos *Adinkra* na Educação Básica. O resultado foi evidenciado nas diversas composições visuais elaboradas pelas crianças. A história da África deve ser relida e entendida como uma cultura que influencia o mundo todo, principalmente a nação brasileira, que foi construída a partir da cultura africana. Sem ela, aqui, não existiria tanta diversidade cultural, ou seja, não seria um país plural. Trabalhar com a simbologia *Adinkra* significa conhecer, valorizar e respeitar a diversidade cultural que compõe o nosso país.

Apresentamos uma arte realizada em carimbos de cabaça em Gana. Os símbolos foram confeccionados em cabaças para, posteriormente, serem estampados em tecidos.

**Figura 10.** Selos de cabaça *Adinkra* esculpidos em Ntonso



Fonte: Wikimedia Commons (2009).

Destacamos que é possível trabalhar os símbolos *Adinkra* por intermédio de carimbos em toda a Educação Básica, principalmente no Ensino Fundamental - Anos Finais e no Ensino Médio. Os carimbos podem ser produzidos em folhas de EVA e colados em pedaços de madeiras, fazendo parte de uma mostra cultural a ser feita na semana da Consciência Negra. Reiteramos os potenciais pedagógico, histórico, artístico e cultural desses ideogramas, se trabalhados em sala de aula.

Dentre as considerações elencadas por Munanga (2008), destacamos a aprovação de Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e estabeleceu o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todo o Currículo da Educação Básica (Brasil, 2003). Para normatizar a referida lei, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como uma política de reparação e cultural, com a finalidade de combater todo e qualquer preconceito racial contra as populações negras (Brasil, 2004). Assim, trabalhar os conceitos de raça, sem dúvidas, é uma ferramenta que reforça a

ideia de uma educação voltada a reescrever a nossa história, recuperando o repertório cultural africano a ser ensinado no espaço escolar como forma de valorização da cultura plural que constitui o nosso país (Brasil, 2004).

Do mesmo modo, a pesquisadora Ribeiro (2019) afirma que a palavra “carimbo” é de origem africana (da língua quimbundo) e o uso dela remete à escravização. Logo após a extinção oficial da escravização no jornal rio-grandino, no jornal Folha da Tarde, no primeiro semestre de 1890, cujo proprietário era Franklin da Fonseca Torres, foram encontrados vários anúncios de chapas de metal e tintas para carimbo. A pesquisadora lembra que os carimbos marcavam a pele negra no período da escravização e que todos nós já carimbamos alguma coisa.

O carimbo é uma técnica artesanal aceita por todas as faixas etárias e, durante a dissertação, Ribeiro (2019) explica a produção de carimbos como material pedagógico. Ele foi usado em várias oficinas e foram adicionadas fotos dos carimbos produzidos com EVA e em *porongos* (cabaça), tal qual os carimbos produzidos em Gana, cujas marcas e impressões foram encontradas nos séculos XII e XVIII. Além disso, informa que os carimbos vêm se firmando como um importante suporte das oficinas que realiza, porque materializam imagens de tato simbólico pela lixa.

Notamos que a última frase, a qual foi proferida pela pesquisadora Ribeiro (2019), refere-se ao fato de ela ter realizado oficinas com os símbolos *Adinkra*: eram desenhados os símbolos sobre uma lixa; posteriormente, eles eram impressos em outro material, como tecido ou papel. Passava-se um ferro de passar roupa, ainda quente, em cima da lixa e, assim, o desenho era transferido para um papel ou tecido ou outro suporte. Um símbolo *Adinkra*, quando utilizado em uma veste, pode ser associado a um *dimon*, que, imediatamente, materializa a relação ética de quem o exhibe com o meio em que vive (Ribeiro, 2019).

Concluimos que, de acordo com a visão de mundo de Ribeiro (2019), uma tatuagem está lhe servindo de pele, como um carimbo a ferro e fogo, dando visibilidade e corporificando a ética mediante a estética. Isso, porque, na África, quando se produz um tecido com determinados símbolos e, com ele, é confeccionada uma peça para vestuário, pode-se afirmar que a pessoa que a está usando praticamente está vestida com a força de suas próprias palavras (Ribeiro, 2019).

Por fim, a pesquisa de Ribeiro (2019) reflete sobre a produção de significado dos ideogramas *Adinkra*. Salientamos que essa iconografia está inserida em nosso cotidiano e a produção de significado está diretamente relacionada a uma filosofia e a uma cultura africana, que são atravessadas pela subjetividade e pela leitura atenta desses ideogramas. Tudo depende do nosso conhecimento de vida. Portanto, a escola tem um papel primordial no trabalho de apreciação e valorização da cultura afro-brasileira e africana. Logo, precisamos desenvolver, nos/as educandos/as, uma alfabetização visual e cultural, assim como apontam Barbosa (2005), Kellner (2011), Hall (2016), Glissant (2021) e Giroux (2011). Desse modo, é possível promover uma educação transformadora que conheça, valorize e respeite as diferenças.

## Considerações finais

Os símbolos *Adinkra* são ideogramas que representam a cultura afro-brasileira e africana, especificamente, a cultura do país Gana. Ao explicitarmos esse conhecimento tão significativo para um país africano, contribuímos para a promoção de um ensino menos eurocêntrico. Nessa perspectiva, consideramos de extrema relevância a inclusão cultural de povos negros que foram historicamente subjugados, desqualificados e inferiorizados intelectualmente pelo homem branco europeu, que aportou nas terras brasileiras e estabeleceu o próprio exercício de poder político, cultural e econômico sobre as pessoas não brancas, especialmente os povos negros e indígenas.

As culturas africanas são vastas e trouxeram contribuições extremamente ricas para a humanidade. Por meio de traços certos, linhas, formas e cores, são construídos os símbolos *Adinkra*, levando-os ao conhecimento da sociedade. Ademais, mediante o uso de carimbos, especialmente os elaborados com porongos/cabaças, os tecidos compõem uma temática visual repleta de simbologias e provérbios que instigam uma reflexão sobre as ações que praticamos, o que devemos mudar em nossas atitudes e quais caminhos devemos seguir.

Os ideogramas *Adinkra* representam a cultura e a filosofia africana e os significados deles são importantes para repensarmos as nossas atitudes e a nossa caminhada na história da vida. Percebemos que o ideograma *Adinkra* é um artefato cultural significativo para o povo de Gana. O que mais se destaca é o *Sankofa*, graças aos múltiplos significados dele, todos atrelados à nossa subsistência. Dessa forma, trabalhar com a cultura africana e afro-brasileira utilizando significados simbólicos *Adinkra* é compreender melhor os conteúdos afro-brasileiros e africanos, a fim de romper com a exclusividade do ensino eurocêntrico e contribuir para a promoção da igualdade entre os grupos culturais.

Os símbolos *Adinkra* podem ser entendidos como signos que perpassam a linguagem e, embora os ideogramas tenham um significado filosófico, cabe ao leitor decodificar os significados e abstrair os significados que mais lhe convém e estão de acordo com o conhecimento pessoal e as próprias vivências. Assim, é perceptível que a cultura afro-brasileira e africana, representada pelos símbolos *Adinkra*, é complexa e pouco estudada. Portanto, são necessárias mais pesquisas sobre a temática abordada neste artigo.

## Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm). Acesso em: 30 maio 2024.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. **História da África nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: os Adinkra**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígena) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.
- CASTRO, Jacqueline Aparecida Gonçalves Fernandes; MENEZES, Marizilda dos Santos. Design técnico: a identidade sociocultural dos signos. *In*: MENESES, Marizilda dos Santos; PASCHOARELLI, Luis Carlos (org.). **Design e Planejamento: aspectos tecnológicos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 31-61.
- DIAS, Vera Lucia Catoto. **Capulanas nas salas de aula: os sentidos na formação de educadoras (es) em Moçambique**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.
- DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 11-30, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu

- da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 83-100.
- GLISSANT, Édourd. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GOMES, Nilma Nino. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 75-85, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2024.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PuC-Rio, 2016.
- HALL, Stuart. Cultural Identity and Cinematic Representation. **Framework**, London, n. 36, p. 62-82, 1989.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.
- KELLNER, Douglas. Lendo Imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 101-128.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MACHADO, Aldibênia Freire. **Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- MACIEL, Erenay Martins. **Espaço Tempo & Ancestralidade de Matriz Africana em Terras Caboclas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade da Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MARTINS, Edna. **Linguagem visual e panos africanos: uma abordagem gráfica a partir de estampas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A Matriz Africana no Mundo**. Sankofa I - Matrizes Africanas da Cultura Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 21-24.
- NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-brasileira: um espírito libertador. In: CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; PEDROSA, Adriano (org.). **Histórias Afro-Atlânticas: Antologia**. São Paulo: Masp, 1976. p. 44-53.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- PEREIRA, Ana Cibely Santos *et al.* Conhecendo a simbologia Adinkra. In: ALVES, Marcia Albuquerque (org.). **Cultura Afro-brasileira: possibilidades para o Ensino Infantil e Ensino Fundamental I**. Cabedelo: Uniesp, 2021. p. 13-21.
- PEREIRA, Renata Gonçalves. Adinkra, o que é? Significado e sua importância cultural. **Segredos do Mundo**, 9 abr. 2021a. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/adinkra/>. Acesso em: 30 maio 2024.
- PEREIRA, Renata Gonçalves. Aya, o que é? Origem, significado e importância desse símbolo sua importância cultural. **Segredos do Mundo**, 20 mar. 2021b. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/aya-significado-significado/>. Acesso em: 30 maio 2024.
- RIBEIRO, Sandra Lee dos Santos. **O grande louva-a-deus**. Escrita Adinkra e o enfrentamento de in(visibilidades) e des(pertencimentos) nas tramas de uma Educação Ambiental. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.
- VIANA, Edilaine Gladys Borges. **Simetria matemática com símbolos Adinkra: uma sequência didática para educação básica**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2018.



VIDAL, Julia; ARRUDA, Dyego de Oliveira. Influências dos tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileiras. **dObras** - Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 15, n. 30, p. 91-114, 2020.

WALDMAN, Maurício. **Reflexões sobre a sabedoria africana**: romper, rever e repensar em sankofa. [S. l.]: Kotev, 2017.

WIKIMEDIA COMMONS. [**Sem título**]. [S. l.]: Wikimedia Commons, 2009. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AdinkraCalabashStamps.jpg>. Acesso em: 30 maio 2024.

Submetido em: 16/08/2022.

Aprovado em: 31/08/2024.